

# Bancada de parentes já mostra sua força política

Allton C. Freitas 20.04.89

*Teresa Cardoso*  
da AE

A bancada dos parentes, no novo Congresso, é maior do que a de muitos Estados ou partidos. Pais e filhos, irmãos e primos mostram a força política de algumas famílias em seus Estados, capazes de eleger dois ou três representantes para o Parlamento. Às vezes, os parentes estão em partidos diferentes, como é o caso dos primos Carrion Júnior (PDT-RS) e Fernando Carrion (PDS-RS). Filhos de tradicionais políticos gaúchos, eles chegam ao Legislativo representando os dois partidos que mais se atacam no Rio Grande do Sul, mas se dizem unidos como dois irmãos.

Irmãos de fato são o senador Guilherme Palmeira (PFL-AL) e o deputado Vladimir Palmeira (PT-RJ) e os deputados Roseana Sarney e Sarney Filho, ambos do PFL do Maranhão — esses últimos fazem companhia no Congresso ao pai, o senador e ex-presidente da República José Sarney (PMDB-AP). Enquanto Guilherme e Vladimir se elegeram por forças nitidamente adversárias e por Estados diferentes, os Sarney chegam ao Congresso representando o supra-sumo da oligarquia.

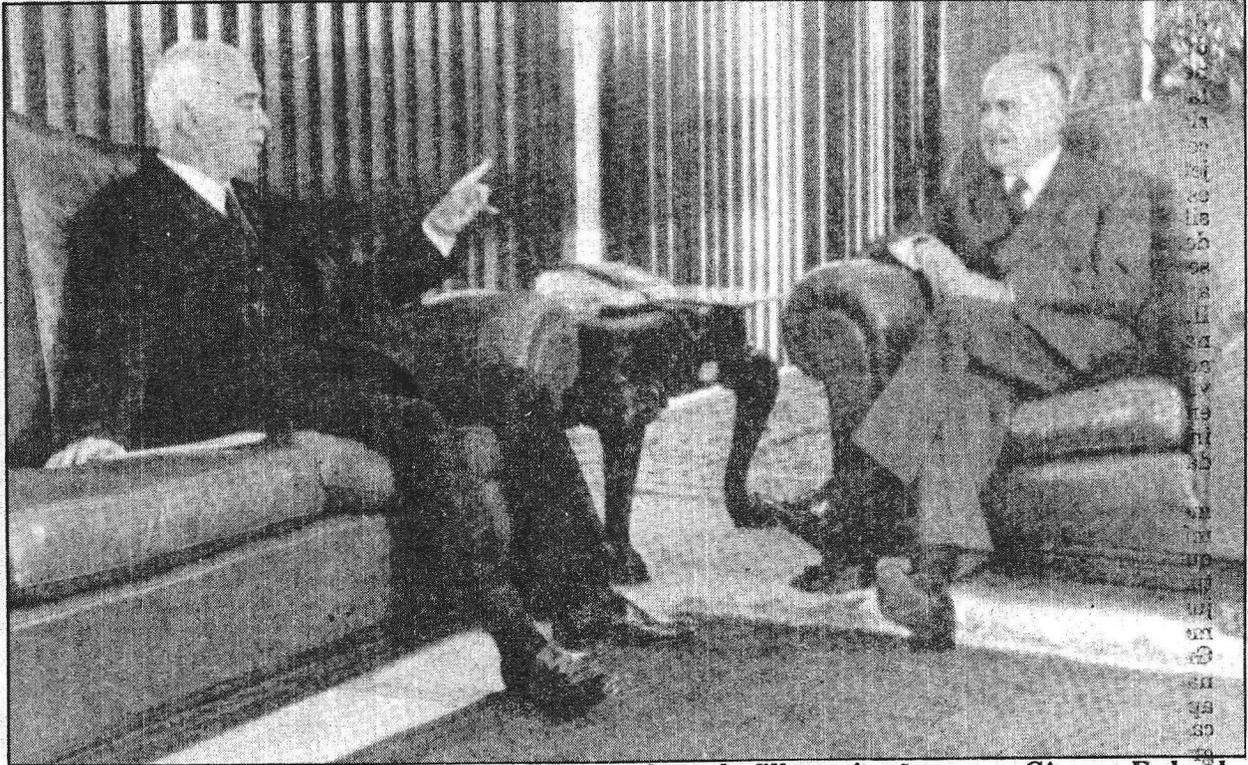
Apesar de, às vezes, apresentarem matizes distintos em seus discursos, os Sarney sempre estão unidos na hora das decisões. Se, em 1985, Zequinha desobedeceu o pai, então presidente do PDS, e votou a favor das eleições diretas, essa foi apenas uma exceção na regra que manda a família votar unida.

## Neutralidade

É por isso que, na medida em que Sarney anuncia que manterá, nos seus oito anos no Senado, o comportamento de um magistrado, sempre evitando críticas ao governo, Roseana e Zequinha vêm preconizando posições igualmente neutras. "Não vou fazer oposição sistemática. Vou votar de acordo com os interesses nacionais", costuma dizer Roseana. "Vou votar de acordo com a minha consciência", afirma Zequinha. "Vão votar todos de acordo com os interesses da família", prevê o deputado José Genoíno (PT-SP), o primeiro a profetizar no Legislativo que a família Sarney jamais fará oposição a Collor.

E também com o propósito de votar de acordo com os interesses políticos da família que chegam o ex-ministro Aluizio Alves e seu filho Henrique Eduardo Alves, ambos deputados pelo PMDB do Rio Grande do Norte.

Sempre disposto a seguir a orientação do pai no Parlamento, apresenta-se para o terceiro mandato na Câmara o deputado Jutahy Júnior (PSDB-BA), filho do senador Jutahy Magalhães (PSDB-BA) e neto do líder político Juracy Magalhães. Jutahy e o filho transferiram-se para o PMDB — depois PSDB — em 1985, quando o adversário Antônio Carlos Magalhães ingressou no PFL, migração repetida por outro tradicional clã



*Sarney e Magalhães mostram seu peso político, elegendo filhos e irmão para a Câmara Federal*

baiano — o dos Bacelar. O senador Ruy Bacelar (PMDB-BA) e o seu irmão João Carlos Bacelar (PMDB-BA), agora eleito deputado federal, também iniciam a legislatura no lado contrário aos interesses de Antônio Carlos Magalhães.

## Magalhães

Os Magalhães, por seu lado, reelegeram os dois deputados da família. Luís Eduardo (PFL-BA) e Ângelo Magalhães (PFL-BA), filho e irmão de Antônio Carlos, atuam no Parlamento seguindo à risca a orientação do chefe do clã. No início deste ano, antes que os aliados do presidente Collor evoluíssem para a idéia de fazer o deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE) líder do PFL e do governo na Câmara, Antônio Carlos Magalhães esteve no Congresso trabalhando para colocar o filho na liderança dessa legenda e o então líder na presidência da Câmara. "Ele teria conseguido, se não tivesse mudado de idéia", diz um parlamentar do PFL.

Mas assim como há famílias trabalhando unidas no Congresso, há também os parentes que se elegeram por caminhos bem diferentes e que agora se reencontram em Brasília. Os deputados Etevaldo Nogueira (PFL-CE) e Ciro Nogueira (PFL-PI) são irmãos. Porém, mal tiveram tempo de falar-se durante as eleições. Os irmãos de Renan Calheiros (PRN-AL), candidato derrotado ao governo de Alagoas, e do ministro da Saúde, Alcení Guerra, também só vão estreitar a convivência, agora, na quadra onde moram os deputados. Eleitos por partidos que não se aproximam, os Guerras — Waldir (PST-MS) e Ivânio (PFL-PR) — e os Calheiros — Olavo (PRN-AL) e Renildo (PC do B-PE) seguramente poucas vezes vão votar juntos em plenário.